

A CERÂMICA COMO DOCUMENTO ARQUEOLÓGICO

Haiganuch Sarian
Museu de Arqueologia e Etnologia
USP

Tratar de um tema tão amplo — A cerâmica como documento arqueológico⁽¹⁾, em um espaço de tempo limitado, pode parecer temeridade, tanto mais que estamos aqui entre pré-historiadores e arqueólogos que trabalham, na sua grande maioria, em área brasileira, e nossa experiência vem de outra área — arqueologia mediterrânica. Mas é justamente neste campo que as pesquisas sobre cerâmica chegaram a resultados importantes. Não é inútil refletir sobre os métodos empregados na ceramologia clássica e verificar a viabilidade de aplicação desses métodos em nosso meio. Não é inútil também, mencionar as orientações de pesquisa que os documentos cerâmicos podem sugerir.

Nosso objetivo é, pois, o de chamar a atenção para o estudo da cerâmica, considerando que ela tem um local de achado, o ambiente no qual sobreviveu; que ela foi fabricada e utilizada pelo homem. A pesquisa arqueológica, de campo, de laboratório e de gabinete, possibilita uma interação entre estas três realidades — o meio original, a produção e a utilização da cerâmica —, de tal modo que se pode chegar, através desse artefato, à reconstituição de uma certa maneira de pensar, de confeccionar, de criar, de se servir e de se relacionar, em sociedades antigas.

A começar pelas escavações propriamente ditas, quando controladas, sistemáticas e completadas por estudos de laboratório e de gabinete, etapa inicial da pesquisa ceramológica. Porque é a descoberta destes artefatos que suscita a indagação sobre a sua cronologia, questão maior que exige a aplicação de diferentes métodos dependendo da especificidade do sítio arqueológico de onde provêm. Se, por um lado, métodos físicos permitem imprimir uma data nos fragmentos cerâmicos, se estes métodos resultam em propostas cronológicas aceitáveis e significativas para as altas épocas do passado, uma vez que a margem de improbabilidade não interfere de maneira comprometedoras na convergência de dados culturais e históricos, outros são os recursos em que se apoiam os arqueólogos que atuam em períodos mais recentes, no mundo mediterrânico antigo, marcados por um acúmulo de realizações culturais e históricas.

Vale a pena explicitar esta questão: uma cronologia devidamente estabelecida pelo método da termoluminescência, ao apresentar uma variação de 100 a 200 anos, ou mais, na identificação cronológica de

um fragmento cerâmico do Neolítico ou período imediatamente seguinte, do Bronze Antigo, não irá sem dúvida, no estado atual do nosso conhecimento, interferir nos dados de que dispomos relativos aos estágios culturais ainda pouco delineados; mas será de importância capital como indicativo cronológico de uma determinada ocupação, e das estruturas e outras evidências arqueológicas a ele associadas.

Tal não é o caso em arqueologia mediterrânica dos períodos Proto-histórico e Histórico. Um fragmento cerâmico da categoria **micênica III b e c** (produção da civilização do mesmo nome que floresceu no Bronze Recente do mundo grego), submetido à análise da termoluminescência, daria como resultado cronológico uma faixa de 200 anos, de 1300 a 1100 a.C.. Ora, nesse período, houve sucessivamente, do ponto de vista histórico, rica atividade cultural e artística nos palácios micênicos (séc. XIV a.C.), movimentação militar intensa e destrutiva (séc. XIII a.C.) redundando na historicamente conhecida guerra de Tróia (1250 a.C.) e nos movimentos militares que devastaram vários sítios da bacia do Mediterrâneo mencionados, na versão bíblica e em alguns textos do Oriente-Próximo, como a invasão dos “povos do mar” incluindo-se entre esses os filisteus. Do ponto de vista essencialmente arqueológico, é a estratigrafia, rigorosamente estabelecida e interpretada, que dará maior força de datação a esses fragmentos do **micênico III b e c**. Encontrados regularmente em estratos de destruição, comprovam a contemporaneidade entre essas subfases cerâmicas e os conflitos guerreiros que marcaram o Mediterrâneo oriental, provocando o fim e a destruição da civilização micênica. Se na Grécia continental, a associação entre o **micênico III b** aos estratos e níveis de destruição situa a sua cronologia por volta de 1200 a.C., deve-se considerar que, em sítios de Chipre e do litoral da Síria e da Palestina, o **micênico III c** se associa a estratos com cerâmica local de imitação que os especialistas atribuem à passagem dos filisteus. Logo, a data do **micênico III c** deve ser contemporânea à instalação dos filisteus neste litoral e se situa entre 1200-1180/1100 a.C., datação muito mais precisa do que ofereceria a termoluminescência⁽²⁾.

Em outro exemplo, as circunstâncias do achado arqueológico combinam associações da cerâmica de contextos estratigráficos precisos a outros tipos de artefatos passíveis de uma datação absoluta ou relativa, em que também podem interferir, mas nem sempre, fenômenos arqueológicos relacionados com fatos históricos e conhecidos pela tradição textual. A esses elementos importantes inter-relacionados, acrescentam-se os resultados obtidos através da evolução das formas, da decoração, das particularidades técnicas e estilísticas, todos eles sólidos e definidores de uma cronologia. Estes dados foram relevantes no estabelecimento tipológico e cronológico da cerâmica denominada **geométrica**, encontrada no sítio de Argos e pesquisada por P. Cour-

bin⁽³⁾. Um dos fragmentos classificados por ele como típico do geométrico recente e datado de aproximadamente 740-700 a.C. chegou a ser submetido à análise da termoluminescência⁽⁴⁾, dando como resultado uma datação que vai de 1000 a 700 anos a.C., portanto, muito mais abrangente e menos precisa que a data proposta por meios da pesquisa tradicional.

Por esta pequena amostragem, já se pode ver que em ceramologia do mundo mediterrânico não se tem muito a aproveitar dos métodos de datação absoluta oferecidos pelas ciências exatas. Essa dificuldade forçou os especialistas a abrirem outras fronteiras de investigação, conhecidas como métodos tradicionais que levaram a verdadeiros requintes classificatórios e refinamentos na fixação das cronologias. Não seria demais lembrar também que, a estes estudos classificatórios e cronológicos, anexaram-se, com resultados às vezes espetaculares, as pesquisas sobre as técnicas de decoração dos vasos cerâmicos, explorando as particularidades dos motivos figurados, florais, geométricos, animais e humanos, estabelecendo as leis do grafismo que tem sua evolução interna própria. Um só especialista, J.D. Beazley⁽⁵⁾, pôde atribuir, para a cerâmica pintada de Atenas e da região da Ática, mais de trezentos artesões-pintores, anônimos ou não. Essas atribuições se revestem de um valor suplementar se considerarmos que podem abrir caminho para o estudo do estatuto do artesão-ceramista, seja ele especializado ou não, e a sua importância conforme o volume de vasos por ele produzidos. Elas são relevantes, também, na medida em que permitem, através de algumas assinaturas de oleiros e decoradores, estabelecer genealogias de artesões-ceramistas⁽⁶⁾ e, apoiados em dados históricos, fixar uma cronologia que atingiu o rigor de uma datação com uma margem de um quarto de século e às vezes até menos.

Ora, o quadro que se tem hoje destas posturas metodológicas no estudo da cerâmica, em área mediterrânica, justifica plenamente o valioso papel que essa cerâmica desempenha na pesquisa arqueológica de campo, em escavações sistemáticas, em sondagens limitadas ou simples prospecções: o papel de indicador cronológico, de um verdadeiro **fóssil diretor**, a orientar na maior parte das vezes o arqueólogo, permitindo-lhe compreender de imediato, no terreno, o complexo de vestígios que descobriu. Dessa forma, a história da ceramologia mediterrânica revela que, das origens da pesquisa arqueológica em sítios da antiguidade clássica, e que podemos situar em meados do século XIX, até os nossos dias, iniciou-se o estudo cerâmico buscando nas realidades da arqueologia de campo a plataforma de apoio a partir da qual estabeleceram-se os cânones metodológicos para os estudos classificatórios e cronológicos. Os resultados foram tão profícuos que, para grande número de categorias cerâmicas, essas é que são agora o respaldo a orientar a pesquisa de campo.

A esses resultados aliam-se os decorrentes de pesquisas de campo e de laboratório destinadas à determinação das origens das argilas com que se confeccionaram os artefatos cerâmicos. Ora, nem sempre é possível detectar-se, apenas pela análise formal, técnica e estilística, que um determinado vaso cerâmico reflete modelos de um centro produtor mais importante, e esse aspecto é relevante também se levarmos em conta a intensidade do tráfico e das relações existentes sob várias formas — colonização, comércio, contatos e trocas de natureza múltipla — entre as culturas da antiguidade clássica. Essa inter-relação entre os povos antigos provocou formas de imitação, de adaptação, de assimilação total ou parcial dos artefatos cerâmicos. De tal modo que o estudo das argilas pode identificar e caracterizar as produções locais distinguindo-as das produções externas, importadas de modo sistemático ou através de trocas destinadas a suprir deficiências de subsistência no meio original. Tal análise das argilas só poderá oferecer o resultado razoável se combinado ao estudo do meio geológico local.

Os métodos se multiplicam na medida em que aumentam as questões a esse respeito⁽⁷⁾: mas certas direções de pesquisa incluem etapas como a classificação, pelos arqueólogos, do material segundo critérios comuns de cerâmica “fina”, cerâmica “grosseira”, tipologia dos vasos, distribuição dos fragmentos de acordo com o aspecto aparente da argila (cor, textura), a seleção de uma série, ou de séries, de referência supostamente locais. Convém salientar que a descoberta de um lote cerâmico, mesmo que representativo, num determinado sítio arqueológico não implica forçosamente que ela tenha sido fabricada nesse local, ainda que este fato seja um indicador importante para a identificação da origem. Acrescente-se também, que, pelo menos em algumas áreas e em alguns períodos precisos, na antiguidade clássica, os oleiros se deslocavam de uma região para outra carregando a sua reserva de argila própria para a fabricação cerâmica, o que vem complicar ainda mais as investigações sobre a determinação do ambiente original dessa produção de vasos.

Outro momento importante no estudo da origem das argilas, e de relevância sem par, é a análise mineralógica que possibilita confirmar ou infirmar a existência de um facies particular da argila tida como local para as séries consideradas, a verificação também de ser este facies local característico de uma região ou de um grupo de regiões, com apoio em um estudo geológico para se estabelecer a relação entre os componentes da argila cerâmica e os recursos geológicos da área.

Convém lembrar, enfim, que essa investigação para a determinação das origens cerâmicas deve se revestir de uma cooperação íntima entre arqueólogos e geólogos, para constantes discussões sobre os problemas que surgem no decorrer dos trabalhos, evitando-se que o

geólogo faça apenas uma prestação de serviços para marcar a pesquisa arqueológica de um cunho científico ocasional que relega, em muitos casos, os resultados mineralógicos a simples apêndices nas publicações dessa área, dissociados das interpretações e das conclusões, muitas vezes relevantes, que implicam a análise das origens das argilas cerâmicas no tocante ao local de produção desses artefatos.

Essas interpretações sugerem um verdadeiro leque de possibilidades: toda a questão das trocas entre grupos e dos contatos entre as sociedades antigas se ressentem de um melhor conhecimento das proveniências dos exemplares cerâmicos distribuídos por toda a bacia do Mediterrâneo. Muito já se fez no sentido de se distinguir, através da análise das argilas, as produções locais das produções importadas. Apesar do enorme caminho que se tem ainda pela frente, distinguem-se, desde já, dois níveis de investigação que decorrem do estabelecimento dessas origens cerâmicas:

1) Um deles refere-se às relações internacionais entre pontos mais ou menos distanciados do mundo mediterrânico e próximo-oriental. Através do mapeamento dos achados cerâmicos e do estabelecimento dos catálogos desses exemplares, distinguindo-se as várias proveniências, tem-se um quadro esclarecedor dos itinerários de que se serviram os antigos habitantes dessas regiões para a busca de fontes de matéria-prima e outros meios de sobrevivência; a concentração maior ou menor dos achados cerâmicos em regiões afastadas do centro produtor indica o grau de importância de um determinado contato, trocas ou outro tipo de relacionamento.

2) Um segundo nível de investigação diz respeito às mudanças culturais que estes contatos provocaram nos grupos envolvidos: essas mudanças concernem não apenas o ideário geral de que se reveste cada artefato cerâmico (tecnologia, concepção formal e estilística, padrões decorativos, modos de utilização dos recipientes), mas também a tudo aquilo que acompanha a passagem desses vasos cerâmicos de uma cultura à outra, sejam eles recipientes tomados isoladamente, sejam eles apropriados a um determinado conteúdo líquido ou sólido, interferindo em modos de vida dos receptores; finalmente, como é o homem que transporta a cerâmica, ele traz consigo ideologias próprias da sua cultura e são inúmeros os exemplos no Mediterrâneo antigo (oriental e ocidental) em que o roteiro das exportações cerâmicas, conhecidos e mapeados através dos achados arqueológicos, indicam por que caminhos certas invenções ou certos padrões de comportamento chegaram a uma e a outra região.

No ideário que comporta a produção cerâmica inclui-se um aspecto de realce que é o da tecnologia: os vários tipos de concepção de um recipiente, seja da forma mais elementar através das mãos e da queima

ao sol e no fogo, seja através do engenho mais elaborado que é o torno e o cozimento em forno segundo temperaturas altas que qualificam os exemplares mais representativos da ceramografia clássica, toda essa tecnologia já é por si um sinal do estágio mais ou menos adiantado de uma cultura cerâmica. A capacidade de invenção através das formas e do seu relacionamento com funções específicas, da decoração e da composição estilística, das representações figuradas quer do mundo mítico-religioso quer da vida diária, são elementos que denotam um universo pleno de criações, de emoções, de uma certa forma de saber, que devemos captar pelo estudo rigoroso e apurado dos exemplares cerâmicos.

Finalmente, nesse elenco de propostas e resultados advindos da pesquisa ceramológica em arqueologia, deve-se salientar que são também os trabalhos de campo, através das escavações sistemáticas, que possibilitam muito frequentemente detectar o tipo de espaço particular em que sobreviveram os vasos e outros recipientes de cerâmica, inteiros ou fragmentários, abrindo-se a perspectiva para conhecermos o seu modo de utilização, seja ele puramente doméstico (são os achados em estruturas de habitação), funerário (os achados em sepultamentos e áreas específicas como cemitérios) ou essencialmente religioso (os achados em santuários, templos e outros locais de culto). Inúmeras são as questões decorrentes da distribuição espacial dos achados cerâmicos, pressupondo-se que entre eles se incluam exemplares completos ou fragmentos cujas formas possam ser reconstituídas: haverá formas específicas para a utilização em cada ambiente, isto é, haverá vasos de funções particularmente funerárias e rituais, com forma e decoração próprias diferentes dos utensílios usados no cotidiano? A essas questões, a ceramologia clássica já atendeu com resultados relevantes, e em alguns casos a tradição textual apoiou com testemunhos esclarecedores⁽⁸⁾.

Para completar estas reflexões, vale a pena acrescentar os recursos programáticos e institucionais de que se dispôs até agora para o estudo da cerâmica nas disciplinas da Arqueologia Mediterrânica e Próximo-Oriental, e responsáveis pelos resultados profícuos a que se chegou.

Em primeiro lugar, convém deixar claro que a ceramologia clássica não desdenha o estudo e a publicação sistemática de objetos cerâmicos isolados ou de coleções pertencentes a Museus, Universidades, Institutos e mesmo a coleções particulares. Isto porque essas coleções permitem completar séries já conhecidas e rigorosamente estudadas com base nos achados arqueológicos; elas permitem também o conhecimento do volume da produção de um determinado centro, da capacidade criativa de um oleiro ou decorador; elas possibilitam achados, às vezes surpreendentes, de peças de excelente qualidade artística, ver-

dadeiras obras-primas que, combinadas ao estudo das descobertas arqueológicas orientadas, podem acrescentar uma contribuição importante para o conhecimento de novas formas cerâmicas, uma nova iconografia, uma nova função.

Assim sendo, o material de que dispõe o arqueólogo especialista em cerâmica, na área mediterrânica e próximo-oriental, incluiu os exemplares descobertos nos sítios arqueológicos e as coleções públicas ou particulares.

Os recursos programáticos são de três ordens:

1) Busca constante de uma terminologia cerâmica adequada às várias categorias e às línguas dos principais países concernentes, a saber, francês, inglês, alemão e italiano. Para tanto, organizam-se regularmente reuniões de estudo, mesas-redondas, colóquios, publicações conjuntas interinstitucionais e interpaíses, como, por exemplo, dicionários multilingües.

2) Estudos específicos sobre determinadas categorias cerâmicas, ou cerâmicas de regiões ou períodos definidos, organizados em programas interdisciplinares e interuniversitários, envolvendo arqueólogos de vários países; os colóquios e reuniões organizados implicam sempre na publicação dos resultados.

3) Publicações regulares anuais de crônicas das escavações, onde se tem de imediato a informação dos achados cerâmicos em seus contextos arqueológicos; publicações sistemáticas da cerâmica na forma de catálogos de Museus e de sítios, bem como publicações de pesquisas exaustivas sobre as cerâmicas provenientes de escavações sistemáticas e estudos correlatos como artigos, notícias e outros; publicação de bibliografias especializadas em cerâmica abordando as diversas categorias, e subdivididas por temas: forma, decoração, proveniência, iconografia, etc. . .

4) Programas internacionais de maior envergadura, sob a égide da **Union Académique Internationale (UAI)**, com sede em Bruxelas:

a) **Corpus Vasorum Antiquorum (CVA)**, o mais antigo deles, que já publicou perto de 250 repertórios de vasos da antiguidade clássica, distribuídos em coleções de toda parte do mundo. Existe desde 1936, e seus Presidentes foram ceramólogos renomados como E. Pottier e P. Devambez, ambos Conservadores-Chefes do Museu do Louvre; atualmente é um ex-Conservador-Chefe do Museu do Louvre que assumiu a presidência desse programa, F. Villard.

b) **Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC)**, que existe desde 1973 e tem como objetivo a publicação sistemática das representações figuradas mitológicas dos vasos gregos, etruscos e romanos (além de outras categorias de objetos); já foram publicados os tomos I e II (1981

e 1984), cada tomo com dois volumes comportando respectivamente uma média de 800 páginas e outro tanto de ilustrações. Vale lembrar que, com uma tráfade incansável de arqueólogos (N. Yalouris, Presidente, L. Kahil, Secretária Geral e H. Cahn, Tesoureiro) é, no quadro da UAI, o programa que reúne maior número de países (40) e de autores (120).

- c) Ainda patrocinado pela **Union Académique Internationale** (UAI), iniciou-se há não muito tempo um programa sistemático de publicação de fontes arqueológicas americanas, incluindo também artefatos cerâmicos, o **Corpus Antiquitatum Americanensium** (CAA) que já está dando resultados importantes.

Estes programas organizados a nível nacional e internacional estimulam a pesquisa em ceramologia clássica. Alguns deles, bem como as várias orientações e propostas de investigação indicadas, podem sugerir que tenhamos ultrapassado os limites da arqueologia e nos aproximado de posturas ou históricas ou antropológicas ou mesmo relacionadas com a história da arte.

Na verdade, o estudo da cerâmica como documento arqueológico deve levar em conta a concepção da arqueologia no seu sentido mais amplo. Não arqueologia como história, nem mesmo arqueologia como antropologia ou arte, mas sim, pura e simplesmente, **arqueologia como arqueologia**. Porque o arqueólogo ao estudar a cerâmica, que é o exemplo ao qual nos referimos, desde a argila até a confecção dos artefatos, desde o estabelecimento cronológico até o conhecimento do universo cultural que a produziu e dos modos de comportamento com relação a essas produções, transforma a cerâmica em documento, num documento que tem uma linguagem própria e que ele, somente ele, ó arqueólogo, está preparado para decifrar. É o bastante para concluir que todo este esforço de deciptação, para fazer com que fale aquilo que por natureza não tem voz, exige recursos intelectuais e científicos, uma forma de pensar, um **saber arqueológico** específico. É o nosso **lógos**.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) Este é o título do artigo de H. Balfet, **Bulletin de la Société Préhistorique Française**, 63, 1966, 279-308, no qual nos inspiramos, apesar de referir-se a problemas quase que essencialmente técnicos e de abordar um assunto bem diferente do que propomos.

- (2) Acerca do micênico III b e c, ver V.R.d'A. Desborough, *The last Mycenaean and their successors — An Archaeological Survey c. 1200-100 B.C.*, Clarendon Press, Oxford, 1964; *Acts of the International Archaeological Symposium "The Mycenaean in the eastern Mediterranean"*, Nicosia, 27th March — 2nd April 1972, Department of Antiquities, Cyprus, Nicósia, 1973.
- (3) *La Céramique Géométrique de l'Argolide*, Éd. E. De Boccard, Paris, 1966, 2 volumes (texto e pranchas).
- (4) Datação experimental feita na USP, cf. P.R. Szmuk, "Datação de peças arqueológicas pelo método termoluminescente", *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, vol. XVIII, 57-103, São Paulo, 1968/69, especialmente p.95-98.
- (5) Ver as seguintes obras: *Attic Black-Figure Vase-Painters*, Clarendon Press, Oxford, 1956; *Attic Red-Figure Vase-Painters*, Clarendon Press, Oxford, 1963 (2^a ed.), acompanhadas do suplemento *Paralipomena*, Clarendon Press, Oxford, 1971.
- (6) A esse respeito, são importantes os estudos de J.D. Beazley, "Potter and Painter in Ancient Athens", *Papers of the British School at Athens* 30, 1944, retomados mais recentemente por T.B.L. Webster, *Potter and Patron in Classical Athens*, Methuen, Londres, 1972, 1-41, e *Athenian Culture and Society*, Batsford, Londres, 1973, 127-145.
- (7) Ver, por exemplo, os resultados a que tem chegado a pesquisa sobre a determinação das origens das cerâmicas encontradas nas ilhas cicládicas, sob a coordenação de F. Villard: *Les Cyclades antiques: le milieu, l'occupation humaine et les échanges*, R.C.P. 583, CNRS/Paris; relatórios científicos ainda inéditos.
- (8) De uma bibliografia volumosa a respeito veja-se, por exemplo, G.M.A. Richter — M.J. Milne, *Shapes and names of Athenian vases*. The Metropolitan Museum of Arts, New York, 1935; S. Weinberg, "Ceramics and supernatural: cult and burial evidence in the Aegean world", em F.R. Matson (dir.) *Ceramics and Man*, Aldine Publ. Comp., Chicago, 1965, 187-201; L. Kahil, "Quelques vases du sanctuaire d'Artémis à Brauron", *Antike Kunst*, Erstes Beiheft, 1963, 5-29; *idem*, "Le "cratérisque" d'Artémis et le brauronion de l'Acropole", *Hesperia* 50 (3), 1981, 253-263.